

Desconcertos em prosa e seu verso: trânsitos interpretantes ¹

Maria Lúcia Castilho Romera²

No meu exercício³ de começar a pensar sobre o tema da nossa mesa “Realidade desconcertada” articulado ao eixo deste Simpósio que foca *O Psicanalista desconcertado*, muitas evocações de memórias adormecidas vieram à tona. Meu trânsito por desconcertos vem de longa data... Desde meu avô Lindório (Lindo Rio) que dizia para os netos, depois de passar horas a ensinar-lhes recitar, que em festa de criança “quando sai errado é que dá mais certo”, até o percurso de minha vida adulta, na atividade acadêmica⁴ e clínica, onde acabei constatando que não só em festa de criança, o erro, os tropeços nas palavras e nos atos tem um preço e um apreço. Pode resultar em aprendizado e se assim for, do arranhão surge um rabisco e, desse, um desenho. Há uma potência lúdica nesses jogos, por assim dizer, entre o ocorrido e o que era para ter sido.

Além de meu avô de sangue, Freud apreendeu de forma perspicaz, um algo além ou aquém, na lógica dos erros, lapsos, chistes que conjugados com *A interpretação dos sonhos* (1900-1901) tornou possível o movimento das peças de seu quebra-cabeças ou *inconsciente*. No estilo de escrita de Freud percebem-se expedientes onde a esperteza ou a sagacidade lhe possibilita mostrar tanto sua crítica em relação a alguma questão, quanto destinar essa mesma crítica ao lugar de sustentação de uma de suas teses. Entre outros, um trecho do texto *O Inquietante* (1919):

¹ Este trabalho foi apresentado na mesa “Realidade desconcertada” com Luiz Meyer no I Simpósio Bienal “O mesmo, o outro: Psicanálise em movimento” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

² Psicóloga, Membro Efetivo da SBPSP e do CETEC. Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia, MG.

³ A opção por uma narrativa na primeira pessoa, que poder-se-ia considerar quase inerente à escrita psicanalítica desde Freud, teve, desta vez, um bom incentivo na posição do cineasta Chris Marker, influência decisiva para o diretor João Moreira Salles no filme “O intenso agora”. Mesmo sendo acusado de pretencioso, por usar, quase sempre, essa forma de narrativa em seus filmes, declarou: “tudo o que tenho a oferecer sou eu mesmo”. Também é dele a expressão “nem sempre a gente sabe o que está filmando”, usada na abertura do filme citado. E ... uma questão em desconcerto se insinua: tudo que tenho a oferecer sou eu e, no entanto, nem sempre sei o que sou.

⁴ O cotidiano no ensino da Psicanálise, nos cursos de Psicologia do Brasil Central, foi investigado na minha tese, a partir de alguns pontos que me causaram surpresa ou poderíamos dizer, onde houve um desconcerto da realidade na relação com meus alunos da Psicologia. Momentos que nos surpreenderam, e assim, perdemos o chão das certezas.

Aqui já não entra em consideração *uma incerteza intelectual*: sabemos agora que não nos querem apresentar as fantasias de um louco, por traz das quais podemos reconhecer com superioridade racionalista, as coisas como elas são – mas esse esclarecimento não reduziu em nada a impressão do inquietante. Assim, a noção de incerteza intelectual não nos ajuda a compreender esse efeito inquietante. (Freud ([1919] 2010), p. 346)

O desconcerto é exigente e reclama por organizadores do rombo provocado. É um equivalente ao absurdo do sonho, prene por significações que (*há*) verão de ser encontradas num rearranjo do jogo disposicional entre as partes envolvidas.

Huizinga (2001), historiador neerlandês, faz um importante estudo sobre o jogo como elemento da cultura no seu livro *Homo ludens*. Destacando o elemento *divertimento* no jogo, e sua essência não material ao mesmo tempo que inegável, afirma:

A própria existência do jogo é uma confirmação permanente da natureza supra lógica da situação humana. Se os animais são capazes de brincar, é porque são alguma coisa mais do que simples seres mecânicos. Se brincamos e jogamos, e temos consciência disso, é porque somos mais do que simples seres racionais, pois o jogo é irracional. (Huizinga, 2001, p. 06).

Há uma espécie de jogo de razão e des-razão, não tanto entre uma e outra, no aqui considerado desconcerto. É um quase cair-se ou corar-se ou...seguindo o canto no jogo da capoeira D'Angola:

*...escorregar não é cair,
é um jeito que o corpo dá*

Afinal, na trilha de São Tomás de Aquino, já seguida em artigo anterior, jogar e/ou brincar é necessário para a vida humana.

Leda Herrmann, faz interessante consideração, sobre o fato de tal tema dizer respeito a todos nós analistas, por ser inerente à própria situação clínica, “uma forma específica de postarmonos (grifo meu) diante do outro na condição de conhece-lo e cura-lo” (Herrmann, 2016, p.33), afirmando “que é nosso método interpretativo que nos exige um *a priori* de não supormos nenhum conhecimento para que possa surgir do paciente a própria condição interpretativa...” (Herrmann, 2016, p.33). Tenho chamado de postura interrogante-interpretante (ou ouvido e

olhar “torto”) esse estado de desconcerto que a autora tão bem colocou como inerente à condição de ser analista ou de estar analista ou... em se perdendo, achar-se analista.

Sobre a realidade, penso aquela que compete ao analista, ou seja, a nossa realidade psíquica. Com Fábio Herrmann, entendo a realidade psíquica enquanto representação do real e esse deve ser entendido como “o processo incessante de produção de sentido psíquico no mundo” (Herrmann, 1997, p.28). E acrescenta, “em si o real é tão irrepresentável como o desejo inconsciente, que é, por sua vez, uma dimensão diferenciada do real – por assim dizer, sequestrada na interioridade do sujeito humano.” (Herrmann, 1997, p.28).

O referido autor, procurou separar com cuidado o método da teoria psicanalítica e coloca em questão, se a teoria do aparelho psíquico não o coloca como uma área supostamente distinta e isolada do real criando por assim dizer, um outro reino, ou seja, o mundo interno. E argumenta,

se o psiquismo converteu-se num duplo da realidade, se lhe cabe explicar somente aquilo que se desvia da realidade aceita, e o psicológico parece ter-se desentranhado do mundo, não será por que se operou um corte indevido, decapitando um ser concreto, o homem, que reclama estar de novo inteiro? É bem possível. A cabeça psíquica perderia então seu corpo no mundo. (Herrmann, 1997, p.31)

No seu livro, *Psicanálise do Quotidiano*, entendendo esse, como “o lugar onde o real se transforma em realidade” (Herrmann, 1997, p.27), a tentativa é a de elaborar “uma teoria do real e da realidade adequada à psicanálise e também compreender um pouco melhor a maneira pela qual os homens constroem sua realidade quotidiana” (Herrmann, 1997, p.29). Para isso, procura defender a tese da, anteriormente citada, decapitação buscando “reimplantar a cabeça no corpo do real (...) refundindo originariamente psique e real” (Herrmann, 1997, p.31). Elabora assim, uma teorização da psique do real. Para ele, a psique, “ocorre essencialmente na vida quotidiana dos homens dentro e fora do indivíduo na identidade e na realidade ao mesmo tempo”⁵. (Herrmann 2001, p. 9 como citado por Leda Herrmann, 2016, p.34)

⁵ Em “As cabeças trocadas”, através de uma lenda indiana, Thomas Mann, traz a complexa relação entre corpo e a alma ou espírito, interior e exterior. E depois de percorrer um vasto caminho nos mostrando as contradições e conflitos de diferentes ordens que nos faz cúmplices de embates entre desejo e proibição, direito e dever, termina por nos indicar, que mesmo tendo sido apartadas de seus corpos, as cabeças a eles se conduzem indefectivelmente.

Nessa linha de intenção de buscar as lógicas constituintes do cotidiano, minha tentativa, ancorada em linha de pesquisa, tem sido a da apreensão da realidade desconcertada do cotidiano onde me anoro, qual seja: da clínica psicanalítica extensa da docência, inspirada no trabalho tecido na Psicanálise clínica pela qual transito junto aos meus pacientes, analistas, supervisores, professores.

Uma busca quase inventiva de delineamento de campos do real que definem algumas relações de ensino e transmissão da Psicanálise. Tal propósito parece que se efetiva através de um deixar-se emergir do campo transferencial das relações quotidianas, parafraseando Fábio Herrmann.

Lembro-me de um momento de impasse vivido em um grupo de supervisão de estágio em Psicologia Clínica, na modalidade de Oficinas Terapêuticas onde o trabalho se desenvolvia junto a pacientes considerados de difícil acesso, ou seja, psicóticos e neuróticos graves. Uma das atividades era a de jardinagem, desenvolvida com professores e estagiários do curso de agronomia. Estávamos construindo um viveiro na parte externa da Clínica Escola. As definições e encaminhamentos eram tomados em reuniões de equipe onde todos os integrantes do projeto participavam. O serviço de manutenção da Universidade atrasara e as britas e outros aparatos de construção, ficaram jogados na frente do prédio, obstruindo a passagem dos usuários. Algo haveria de ser feito. A equipe decidiu por um mutirão, quando todos estaríamos experimentando funções distintas daquelas que nos eram rotineiras. Uma estagiária da psicologia se indignou, recusando-se a carregar pedras. Um clima de tensão conseqüente ao abalo no jogo disposicional da equipe exigiu trabalho psíquico. Do choque, outros sentidos para o carregar pedras tiveram ou puderam ser derivados. Um texto emergiu delineando algo sobre o conceito de psicose e a função terapêutica: “Sobre a des-razão de carregar-se pedras: esboço de uma lógica de construção e dê-construção da psicose”

Era uma vez um homem forte e bonito chamado Felipe. Ele poderia, também, ter outros nomes e isso o divertia muito. Chamar-se, por exemplo, Napoleão, Flash Gordon, Ricardo III e, tantos outros... Só não poderia ser chamado Ermenegildo, Tupiniquim ou Tupigambá. Ele gostava de água e de fogo, mas nunca os dois juntos. Dizia que um anulava o outro e é muito chato quando uma coisa anula a outra... mesmo que, às vezes, isso possa acontecer. Felipe gostava de se embrenhar pelo mato, mas não queria ser chamado de “bicho do mato”. Gostava de capinar, colher café, mas não gostava de carregar pedras, pois era com elas, que

algumas vezes, os moleques acertavam o seu velho casacão preto que lhe dava ares de majestade.

Um dia, entretanto, descobriu que com pedrinhas e tijolos, se pode fazer uma construção uma casinha para abrigar flores e talvez, sua Rosa... aquela mocinha linda que espantava os meninos que lhe atiravam pedras. Porém, era loira. Felipe não tinha muita simpatia pelas loiras. Preferia as morenas... mas ... então na casinha poderia abrigar a Margarida que como era meio pequena, atendia pelo nome de Guida. Ela ficara tão linda no dia em que subira no monte de pedras para impedir que os moleques as pegassem e atingissem o manto real de Felipe.

A casinha recheada com coloridos vasos poderia não ter o conforto e a suntuosidade de um palácio, mas teria o aconchego de chalé. O perfume que exalasse seria tão suave que, desapercivelmente, impregnaria as narinas dos sapecas moleques. Inebriados, não mais se ocupariam em atirar pedras.

Mas como poderia ele carregar pedras se estava brincando de ser rei?

Não...

Um rei não carrega pedras.

Definitivamente.

Mas ... como poderia ter sua casinha, se não carregasse pedras???

Pela primeira vez insinuou-se a Sra. Dúvida dentro de seu coração.

Recolheu-se, emudeceu-se, enfureceu-se mas no final, num esforço sobre-humano, tomado por uma força que não se sabe de onde veio, arrancou de seus ombros o manto preto, arregaçou as mangas e embrenhou-se no ofício de construtor... sabia-se Felipe mas, não perderia jamais o direito de ser rei Ricardo III quando à noite no silêncio de sua casinha, num merecido repouso de guerreiro seus olhos se fechassem para dormir e sonhar.

Um texto escrito sob alta tensão dos afetos e exigindo uma linguagem compartilhada ou elaborativa, uma quase (*im*)possível linguagem interpretante. Talvez por isso, o recurso seja da ordem da ficção. A Literatura parece propiciar uma aproximação das porções cindidas e por efeito de verossimilhança articula os mundos com seus múltiplos sentidos languageiros.

Nos estudos sobre a *imaginação material* bachelardiana, Voigt (2009) argumenta não ser a mesma entendida como “uma faculdade que tão somente reproduz imagens da realidade, mas que cria imagens que superam a realidade” (Voigt, 2009, p.02). E convoca o texto do próprio

Bachelard para completar que “a imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova; inventa mente nova...” (Bachelard, 1997, p.17-18).

Através do desconcerto e do campo de tensão que se forma, linguagem pode ser criada. Se o erro tem um alto estatuto no nosso método de investigação, a linguagem é ir e vir, e o pensamento, um andarilho. No atrito do papel o conto oportuniza criação particularizada para aquele tempo-espaço, o arranhão vira desenho-escrita. A transmissão se efetiva por via metodológica, ou interrogante-interpretante.

Para finalizar, conto-lhes algo sobre o modelo metodológico de ensino-transmissão que procurei transmitir nesse texto, mas agora através do uso da tecnologia.

Já aposentada, fui convidada por uma ex-aluna, orientanda, a encerrar um curso de especialização, por ela coordenado, em uma cidade próxima de Uberlândia/MG. Num misto de saudade e curiosidade achei que poderia investigar por onde andavam e que “artes” estavam fazendo, aqueles alunos que haviam estado próximos a mim, interessados em saber mais sobre a nossa *velha senhora* Psicanálise.

Queridos pupilos

Estarei, na próxima sexta-feira, em Patos de Minas, com M. I., a convite de C. S. para encerrar o Curso de extensão sobre Psicanálise.

A ideia seria eu falar sobre o impacto da Teoria dos Campos - TdC na minha vida profissional e, também, algo da minha análise pessoal e didática com o Fabio. Mas aí pensei que seria legal se vocês me dessem alguns relampejos ou estímulos tensionadores de criatividade.

Então... peço a vocês elaborarem uma ou duas questões para o Fabio, criador das bases da Teoria dos Campos. Questão ou questões que dissessem de algum impasse da prática clínica de vocês. Se acharem difícil, dado que o prazo é quase para ontem, peço-lhes responderem a um bilhetinho que escrevi em uma sessão, quase espírita, psicografando Fabio Herrmann:

"Olá! amigos, do meu bom Triângulo Mineiro, como vão as coisas por aí?

Eu daqui já tenho uma visão pouco opacificada aí do lado de vocês! Mas...vejo, mais ou menos, o que estão fazendo e algo do movimento que ainda me parece tão criativo dos queridos caipiras da Maria Lúcia. Então... minhas ideias habitam a clínica do cotidiano de

vocês? *Que impasses vocês poderiam apresentar em relação a TdC? Seus alunos são curiosos em relação à Psicanálise? e a ciência como vai? Não exagerem na resposta, pois daqui não consigo ler textos muito longos e muito menos herméticos. É óbvio que não precisaria fazer tal advertência, já que meus amigos mineiros chegam a esnobar sua simplicidade. Nada mais campista do que isto, mostram tanto um lado que acabam sendo surpreendidos pelo outro (simples e metido). Sirvo-me de Maria Lúcia, pois sei que ela está em um apuro danado para apresentar de forma sintética a TdC na cidade d(e)os Patos de Minas que de patos não devem ter nada.*

Um abraço e um queijo.

Fabio Antonio Herrmann "

Então...aguardo esta ajuda carinhosa de meus eternos Sancho panças!

Maria Lucia

ps- peço que vcs sinalizem se autorizam ou não a utilização de tais escritos em minha fala e escritos para tal evento! Bjim

Destaco uma das respostas:

❖ *Fábio e Maria Lúcia,*

em solo goiano a Psicanálise é recebida com certo estranhamento, seja pela cristalização da psicanálise ou pelo conforto egóico das abordagens humanistas.

Como pensar o absurdo com aqueles que negam, e vivem nesta posição, de não se estranharem com o próprio desejo?

A saída para uma possível transmissão tem sido a tensão que se dá na sempre enganosa relação que se estabelece entre eu e eles (pacientes, alunos, supervisionandos, Universidade).

Não sei ao certo o que essa experiência vai fazer com nossas vidas. Talvez sua visão opacificada pode vislumbrar mais coisas do que a nossa, que estamos na linha de frente. Se nada acontecer fico com o conforto do que já aconteceu: um Varal de Poesia Humana, no qual homem se faz arte e a arte mostra o homem pendurado em um arame.

Olhe por nós!

R. C.

Referências

- Bachelard, G. (1997). *A água e os sonhos*. São Paulo, Martins Fontes.
- Freud, S. (2010). O inquietante. In Freud, S. *Obras Completas vol. 14* (Tradução e notas de Paulo César de Souza). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Herrmann, F. (1991). *Andaimos do Real – O método da Psicanálise* (2ª ed). São Paulo, Editora Brasiliense.
- Herrmann, F. (1997). *Psicanálise do Quotidiano*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Herrmann, L. (2016). Analista desconcertado: caminho de um pensador da Psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 50/3, 32-44.
- Huizinga, J. (2001). *Homo Ludens*. São Paulo, Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1938)
- Pessanha, A, L, S; Romera, M. L. C. & Forones, M.M. (2014). Sobre o humor na comunicação entre analista e analisando. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 48, 149-158.
- Romera, M.L.C. (1993). *Transmissão-difusão da Psicanálise: considerações a partir do delineamento de sua presença nos Cursos de Psicologia da região do Triângulo Mineiro – Brasil Central*. (Tese de doutoramento parcialmente publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Romera, M.L.C. (2002). Postura interrogante-interpretante: por quem os sinos dobram??? In Barone, L.M.C. *O psicanalista hoje e amanhã: O II Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos por Escrito*. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Romera, M.L.C., Alvarenga, C. (2010) O ensino da psicanálise na universidade: do legado de um impossível à invenção de possibilidades. *Jornal de Psicanálise*, 43/79, 187-199.
- Mann, T. (1987). *As cabeças trocadas*. São Paulo, Nova Fronteira.
- Voigt, A. F. (2009) *Anais do Terceiro Seminário Nacional de História da Historiografia*. Ouro Preto, EDUFOP.